



Complemento ao
Curso de Sociologia do Conhecimento Texto 05

Autor: Jacob J. Lumier

A Utopia do saber desencarnado

© 2013 by Jacob (J.) Lumier

2

SSE_RIO

A Utopia do saber desencarnado

© 2013 by Jacob (J.) Lumier

3

° ·) ° « ¬ ¥ Š · Ÿ « · ' Š > | ® · ~ | - | a œ

Complemento ao

Curso de Sociologia do Conhecimento **Texto 05**

Autor: Jacob J. Lumier

Editor: Bubok Publishing S.L.

- Madrid, Espanha

Depósito Legal:

ISBN papel:

ISBN ebook:

Website Produção Leituras do Século XXI:

<http://www.leiturasjлумierautor.pro.br>

Ficha catalográfica

Lumier, Jacob (J.) [1948]:

A Utopia do Saber Desencarnado

Complemento ao

Curso de Sociologia e do Conhecimento

Editor: Bubok Publishing S.L.,

ISBN papel:

ISBN book:

Conte m notas, citações bibliográficas.

Outubro de 2013.

Produção de e

Website Leituras do Século XXI

1. Comunicação Social. 2. Teoria

I. Título.

©2013 by Jacob (J.) Lumier

Todos os Direitos Reservados

A Utopia do saber desencarnado

© 2013 by Jacob (J.) Lumier

5

A UTOPIA DO SABER DO SA DESENCARNADO

Complemento ao
Curso de Sociologia Textos e Conhecimentos

Por



Jacob (J.) Lumier

Autor de ensaios sociológicos
Junato Web da OEL e Portal MEC.br



Websitio

[Produção Leituras do Século XXI](http://www.leituraslumierautor.pro.br)

Literatura Digital

Rio de Janeiro, 2013

Websitio Produção Leituras do Século XXI:

<http://www.leituraslumierautor.pro.br>

A Utopia do saber desencarnado

© 2013 by Jacob (J.) Lumier

6

SSE_RIO

Epígrafe

Não se pode aplicar a sociologia de Karl Mannheim sem levar em conta o problema crítico cultural do espiritualismo como teodiceia.

Apresentação desvio de Karl Mannheim

Neste texto, apresento o pensamento de Karl Mannheim em setembro de 2010, no grau na 'Web' de E. Posteriormente, modifiquei e acrescentei comentários sobre o fato de que a soc

¹ <http://ssfjbrforum.wordpress.com/>

mento e uma disciplina im-
vir a utópica desalienaça-
ti-don-t-el-at-pr-est-e-adi-do por Ma-
com"b-ibera-ç-a-a-e-l-d-æ-ç-at-o-æ-a-en-t-re
nhecimento e "quadro social

Posicionamento esse que
tra-rio da sociologia do co-
je-t-o-e-n-t-u-s-a-®-š-ç-º-«-·-ÿ-«-·-œ-«-ª-æ-j-œ-¥-©-
ç-±-ª-ç-º-«-·-ÿ-«-·-·-±-š-ÿ-®-«-·-·-·-«-œ-¥-š-¥-

A desejada "liberação de toda a
entre conhecimento e quadro social" não passa
de uma pretensão que nada mais representa
além de "uma utopia intelectual
de-s-e-n-c-a, que caracteriza grave des-
vio da sociologia do conhecimento notado na
obra de Karl Mannheim, colocado em pers-
pectiva no presente trabalho

Para a leitura proveitosa desta obra, devem no-
tar que completa Curso de Sociologia do Co-
nhecimento Texto 05, cuja leitura pressupõe

juntamente com a leitura dos textos anteriores 01, 02, 03, 04.

Cabe lembrar que em todo o presente curso de Sociologia o conhecimento a elaboração é desenvolvida com base em materiais discutidos em obras anteriores do autor, que devem ser lidas para tirar o devido proveito seguintes: (a) *Comunicação e Sociologia* – Artigos Críticos, 2ª Edição modificada adNDI, Bubok, Junho 2011, 143 págs. (*Cultura e Consciência Coletiva* 2, Junho 2009, pdf 169 págs., e *Psicologia e Sociologia* Fevereiro de 2008 ebook PDF 158 págs., as duas últimas publicadas na Web da Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura OEI 4.

² *Comunicação e Sociologia* – Artigos Críticos, 2ª Edição modificada <http://www.bubok.es/libros/191754/Comunicacao-e-Sociologia-artigos-criticos-2-edicao-modificada> Versão E-pub free.

³ [7 i ` h i f U ` Y ` 7 d &] <http://www.cei.es/ciencia/linea-1/versidad/spip.php?article388>

⁴ [D g] Wc ` c [] <http://www.cei.es/salactsi/lumier2.pdf>

Em relação ao problema do despiritualismo ou teodiceia, que historicamente inclui o tema da história de Deus e sua justiça no mundo, e para mais informação sobre messianismo e milenarismo na história social é indispensável ler especialmente o e-book do autor intitulado "*O Tradicional na Modernização: Leituras sobre Ernst Bloch* (Coletânea de Artigos), Maio de 2009, PDF 130 págs. (A4) <http://www.oei.es/cienciayuniversidad/spip.php?article277>

Sumário

APRESENTAÇÃO: O DESVIO DE KARL MANNHEIM	7
A UTOPIA DO SABER DESENCARNADO 1	13
CRÍTICA DA IDEOLOGIA E SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO	13
<i>Linhas para uma leitura crítica das orientações de Karl</i>	
<i>Mannheim</i>	14
<i>Os intelectuais como mediação viva</i>	14
<i>Os criadores de produtos ideológicos/culturais</i>	16
A UTOPIA DO SABER DESENCARNADO 2	19
CIÊNCIA POLÍTICA, TECNOBUCROCRACIA E ROMANTISMO EM KARL	
MANNHEIM.	19
<i>O comprometimento do pragmatismo</i>	20
<i>Hegelianismo e Teodiceia</i>	22
<i>A transposição do hegelianismo</i>	25
<i>A paradoxal teodiceia de Hegel</i>	27
<i>O sistema hegeliano e sua dialética mística</i>	30
<i>A razão conservadora</i>	31
<i>Hegel canoniza o existente</i>	33
<i>A tendência específica da filosofia de Hegel</i>	34
<i>A transposição de valores</i>	37
TEODICEIA E CONHECIMENTO EM MAX WEBER.....	43
<i>A necessidade racional de uma teodiceia</i>	47
<i>Teodiceia e atitude revolucionária</i>	49
<i>Conclusão: a ficção do pleno saber</i>	51

IDEOLOGIA E SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO 1.....	53
OS COEFICIENTES PRAGMÁTICOS DO CONHECIMENTO E OS LIMITES DA ABORDAGEM CONSERVADORA.....	53
<i>Consciência sociológica.....</i>	53
<i>Os continuadores de Karl Mannheim.....</i>	58
<i>Quadro intelectual de visão do mundo.....</i>	61
<i>Os quadros sociais reais do conhecimento.....</i>	63
<i>Uma aplicação da concepção conservadorista do saber </i>	66
IDEOLOGIA E SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO 2.....	71
A CONSCIÊNCIA MISTIFICADA.....	71
<i>Teoria multidisciplinar.....</i>	71
<i>A ideologia burguesa.....</i>	74
<i>A separação do trabalho intelectual.....</i>	75
<i>Desigualdades sociais e justificações ideológicas..</i>	77
<i>Consciência mistificada e consciência burguesa</i>	81
PROBLEMA SOCIOLOGICO DA IDEOLOGIA	87
<i>Dialética das alienações.....</i>	91
<i>História e teodicéia.....</i>	93
NOTAS DE FIM.....	97

P r e l i m i n a r e s

A Utopia do Saber Desencarnado Ì 1

Crítica da Ideologia e Sociologia do Conhecimento

Linhas para uma leitura crítica das orientações de Karl Mannheim

Os intelectuais como mediação viva

A crítica de Mannheim a respeito de sua representação de um grupo que pode afetar profundamente porque "a maior parte dos indivíduos" (a correlação é estabelecida) situa-se acima dos interesses e

Posicionamento esse que é da sociologia do conhecimento vista acentua o conhecimento e a função dos quadros sociais

Karl Mannheim se representa ele como "uma das" (a necessidade de ser capaz de) "o indivíduo" (a necessidade de ser capaz de) "o indivíduo" (a necessidade de ser capaz de)

[Text obscured by a large watermark]

Tendo em vista a epistémica apresentada sob a ótica da epistemologia, sobretudo a teleológica, é preciso reconhecer que a essência da ciência não se encontra no objeto em si, mas na relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto. A ciência é, portanto, uma atividade social e histórica, que se desenvolve no contexto da cultura e da sociedade. A ciência moderna, em particular, é caracterizada pela sua objetividade e pelo seu método científico, que busca a explicação das coisas através de leis gerais e universais. No entanto, é importante lembrar que a ciência não é neutra e que ela pode ser utilizada para fins tanto benéficos quanto prejudiciais. A ciência é, portanto, uma ferramenta poderosa que deve ser usada com responsabilidade e ética.

Enfim, Mannheim confirma a tese de Weber sobre a racionalização e a desencarnação da ciência, sustentando que a ciência moderna é uma atividade social e histórica, que se desenvolve no contexto da cultura e da sociedade. A ciência é, portanto, uma ferramenta poderosa que deve ser usada com responsabilidade e ética.

Com os seus i² « " ± Ç ° « ' - « " Ú ° ¥ œš
° ± š ¥ ¯ ' - j^a ° ¥ Ÿ « ' j - ° ® ¥ ° « ' Ÿ j ' œš
° « - ' ¥ Ÿ pe « " ñ ß ¤ œ ¥ - ¥^a - j ® j ' j © ' .
© š ® œ « ' © š ¥ - ' 2 š - ° « ' Ÿ j ' ® š Ÿ ¥ œš
° ® š > š " œ š Ÿ « ® j - ' ¥^a ° j " j œ ° ± š ¥ -
œš - ¥ ° š 2 ¥^a Ç š Ÿ « - ' j ' a « ' ° j ® œ j ¥
œš ± - š ' - ¥^a £ ± " š ® ' - ® ¥^a œ ¥ - š " .
- ® « " j ° š ® ¥ ¶ š Ç ° « ' Ÿ j - - š ' œš - š

Ou seja, a radicalização dos
trabalhadores intelectuais
na prática é quando
- ¥ ° š " « ® « œ œ š © š Ÿ « ' ° j ® œ ¥ , ® ¥ « ' .
© š Ç ó j - ' " ¥ £ š Ÿ š - ' . ' ° j ® œ j ¥ ® š ' .
š ± ° « © š ° ¥ ¶ š Ç ° « ' ¥^a Ç « ® © , ° ¥ œš
¥^a Ÿ ± - ° ® ¥ š " ¥ ¶ š Ç ° « ' £ j^a j ® š " ¥ ¶
® j - ' Ÿ š ' š ° ¥ 2 . ¥ Ÿ š Ÿ j ' œ ± © š^a š

* * *

A Utopia do saber desencarnado

© 2013 by Jacob (J.) Lumier

18

SSE_RIO

A r t i g o

A Utopia do Saber Desencarnado | 2

Ciência política, tecnoburocracia e romantismo em Karl Mannheim.

Alguns estudiosos da sociologia do conhecimento levam a pedagogia como porque ela é profundamente vitoriosa e as abordagens gicas do conhecimento.

Via de regressão a proposição é

Como se a sociologia do
adotou como os parâmetros
como as funções das teo-
ria. Desta forma, uma imagem res-
da disciplina, a ideia equivocada
mente como exclusivamente
esta que, em toda a evidência
uma simplificação impropria
conhecimento identifi- a-
nismo de Karl Mannheim

Autor muito influente nos
VII, com sua obra "Sociologia da
compreensão de que todo o
gado a questões práticas,
meteu seu pragmatismo.

O comprometimento do pragmatismo.

Além disso, prejudicou a
prestígio científico da
mento de que ele foi o mais

dor na primeira metade do século XIX, quando se elaborou um esboço de uma filosofia da história, fundamentada na concepção de um plano da história conservadorista, - isto é, na ideia de que a história é o desenvolvimento de um plano pré-determinado, que se realiza através de uma série de eventos históricos, que são determinados por causas profundas e não por contingências históricas.

Essa foi uma ideia que influenciou profundamente a filosofia da história da Alemanha, e que se tornou o fundamento da filosofia da história de Hegel. A ideia de Hegel é que a história é o desenvolvimento de um plano pré-determinado, que se realiza através de uma série de eventos históricos, que são determinados por causas profundas e não por contingências históricas. Essa ideia influenciou profundamente a filosofia da história da Alemanha, e que se tornou o fundamento da filosofia da história de Hegel.

Trata-se de uma ideia que influenciou profundamente a filosofia da história da Alemanha, e que se tornou o fundamento da filosofia da história de Hegel. A ideia de Hegel é que a história é o desenvolvimento de um plano pré-determinado, que se realiza através de uma série de eventos históricos, que são determinados por causas profundas e não por contingências históricas. Essa ideia influenciou profundamente a filosofia da história da Alemanha, e que se tornou o fundamento da filosofia da história de Hegel.

passou a designar o conjunto de atividades, incluindo a arte, a ciência, a educação, e o trabalho. Em face dessa observação, reza a desqualificação do trabalho em tela.

Hegelianismo e Teodiceia.

Mas na obra de Hegel, a teodiceia não é a apologia da existência das coisas existentes na história, mas a representação do mundo como ele se apresenta, relativamente ao homem. A teodiceia de Hegel é a tentativa de explicar a existência das coisas existentes na história, mas a apologia da existência das coisas existentes na história, mas a apologia da existência das coisas existentes na história.

Acontece que a teodiceia de Hegel é o processo perceptivo mais simples, que bem elementos estruturais (Gestalten), os quais, por a capacidade do homem para

ou consideram sentar - a b s t
pouco compreendeu, em modo rea -
l i , setnal a ç a e x p e r i , e c u n j c o i a e d

Na verdade Karl Marx afirmou esse
« Vãobstrastpirei, p r a e m i s t a m e n t e a
cançado com a tomada de po
hegeliana s u a n o m i s t i c a . d a h i s

A l e m c o b i m s b o a i s r e f o r m a ç a o h
t o c a c o m p a r c a o d m a p r e e q u e p r o -
s i c i o n t a r o e u s a m e d i a ç o j i -
« a y š k ¥ - - œ x © ® « i - - ± š Ÿ a s - - « œ
chama dsa © š ® ® š - - , « s œ p š o ¥ t a -
men b e s t a s a c u l m a s o c i o l o g i a
- « œ Ÿ š - - c l a r a m e n t e u m a p r o j
f l u e h i n s t a r i c a d a r a e l i t i g i d e
o s s a u s c i t a d a e m r e t f e e o r d e i - n c i a
c e i d a ¥ © - j ® © j ¥ Ÿ Ç - © ± a Ÿ «

% ± j ® Ÿ ¥ ¶ j ® š a ° j - Ÿ j - © ®
© « - - « œ ¥ š ¥ - š - œ « ® ® j - š Ç

š © š ® ® š ° « ' ° « © š Ÿ š - ' a j © ' ° š a ° « ' ° , æ ± " « ± j ' - « Ÿ j © ' - j ® š - « j ¥ ° ¥ 2 ° ® š ® ± - ' » « - # j j ¥ ® j E š © ' j ' ¥ a 2 ¥ š ¶ š © ' « ' š æ ± © - æ « a x j æ ¥ © j a ° « ' - « © š ± ° j a ° ¥ æ ± j ' ® j 2 j " š © ' a š Ÿ š ' © š : Ç « - ' Ÿ j ' ± © ' j ± Ú ¶ « ° © ¥ © š " j - ® E 2 © š ® æ š ¥ © Ÿ j š ® Ç j ¥ Ç ° « ' Ÿ « ' © ± a Ÿ «

De fato, na década dos anos vinte toma posse a crítica da criação intelectual alemã, impulsionada pelo século dezanove pelos debates de Hegel e o ^{XI} hegelianismo, que chegou notoriamente aos estudos de Marx. Mas, a exemplo de Weber, a mesma situação histórica da teoria pesou sobre a crítica da mesma maneira ambiente e contemporânea, retomou a ligação entre teoria e revolucionária.

Por uma abordagem ou outra da concepção conspícuo da desvio da recusa de amarras

Inclusive destacã « š š š Ń t e n
j 2 « ± Ç ° a « Ÿ « a « x ¥ © ± ° ñ ® ¥ œ « - j - ® «
£ ± ¥ a ° j · ¢ « ® © š « - j a - š © j a ° «
° ¥ Ÿ š · ¥ Ÿ j š · Ÿ š - œ « ¥ - š - œ « © «
· ¥ Ÿ š Ÿ j - j · Ÿ j - j a 2 « 2 j · œ « © «
- j "® na medida em que esses p
" - « - š © · j · j 2 š ® · š - œ « ® ñ Ÿ ¥ Ç ó j -
- ® ¥ « - š j š Ÿ Ÿ š a « Ÿ « - j - j a ® ¥
š œ « ® Ÿ « · œ « © « · œ « - ° ± © j · œ « © «
j · š · « > - ° ¥ a š Ç ° « ± © š · a « 2 š · œ ®
® ¥ š · j · š - x ¥ · - « ® · Ÿ ¥ š a ° j

Pore m Ma a n h e n i a i n s l o n g e .
ne- b e g e l i a n i s m o d e s t e m p e r a d o
a c o n c e p ç a o c o n s e r v a d o r i s t
s e n t e « q u e ° E ® ¥ « · ® š ¶ « š 2 j · © j a
- š ® š · š · Ÿ ¥ - ° ¥ a Ç ° « · j a ° ® j · « ± °
- ± š · ® j š ¥ Ÿ j Ÿ š Ç ° « - « - ° j ® ¥ « ® © j a °
© « - ° š ® š « © « · ° j a Ÿ « - ¥ Ÿ « · š - j a š
Ç ó j - Ÿ ¥ - ° « ® œ ¥ Ÿ š - Ÿ j ± © š · « ® Ÿ
« ± - « ° j a œ ¥ š · j ® š © · ¥ Ÿ j « ñ £ ¥ œ
¢ « ® š © · š Ÿ j - ± š Ÿ š © j a ° j · ® j š · ¥ ¶ š
œ ¥ š · - « - ° j ® ¥ « ® · j · ® š ¶ ó ± š « Ÿ š

a sua visao da -leisbom-ria
por# «š · ®j æ± - š · Ÿš · « - « - ¥ Ç ° « i
- ± j · « - · - j · a - š Ÿ « ®j - · æ® ¥ - ° ° « -
a š ° ± ®j ¶ š · j · « · ®j ¥ª « · Ÿš · £ ®š Ç š

Pas,capõr exemplo, acentuav
dos crsieraa õ sempre um obsta
ví vel para todos os filo s
envolvido em miste rio. Heg
teria empreendido revelar e

Em" # · ! ¥ ° « · Ÿ" « XVIII, il ē mō š « com
Ernst Coa ssei grueirn ± e : š fhj® fj ·
- j · a ° š · a š · - ± š · Ç ¥ " « - « Ç ¥ š · Ÿš ·
Ÿ « · « · E · ± © · ®š æ¥ «ª š - " ¥ ¥ - ¥ © ¥ Ÿ æ® j
Ÿ « · æª a xj æ¥ © j j · a ° ± © x ± © šª a © ¥ - © « · æ
° ° « æ® j · a Ç š · a š · j · ¥ - ° j · a æ¥ Ç · © j · 2 j ·
- ®j · ° j · a - ° « · Ÿ j · - ± j · š · ®j · " ¥ £ ¥ ° «
° j · ® - Ÿ®šj · ° aš « · - j ± · - j · a ° ¥ Ÿ « · - « · ¥
- j ± · - j · a ° ¥ Ÿ « · a j £ š ° ¥ 2 « · " « · Ÿ ·
£ j · " j · ± · - · ®j j² j · " ¥ ± ° « · a E « · - · - j · ® © ¥
æ « © - ®j j · a Ÿ j · ® · š - ± ¥ " « · - ± j · j · j · i
© š ¥ - · ± © š · j æ¥ - ° šª a æ¥ š - j æ® j · ° š

Para Hegel, a história, os "tempo" e a eternidade se encontram separados um do outro, mas se. A eternidade na obra dele pelo contrário: e no tempo trata-se de algo que é a essência e a realidade. A eternidade é a realidade que se realiza no tempo. A eternidade é a realidade que se realiza no tempo. A eternidade é a realidade que se realiza no tempo.

Em seu comentário ao trabalho de Hegel, a ideia de qualquer espaço superior encontra-se na atualidade da vida e das lutas políticas. A ideia do Divino, começa na história.

Cassirer esclarece os filosóficos ou teológicos como de uma revelação divina hegeliano, a história na Deus, mas a história é a realidade que se realiza no tempo.

O sistema hegeliano e sua dialética mística

Destas ideias, a primeira é a de que a dialética hegeliana é uma dialética mística. A dialética hegeliana é uma dialética mística porque ela é uma dialética que se desenvolve no âmbito da consciência, e não no âmbito da natureza. A dialética hegeliana é uma dialética que se desenvolve no âmbito da consciência, e não no âmbito da natureza. A dialética hegeliana é uma dialética que se desenvolve no âmbito da consciência, e não no âmbito da natureza.

Tendo por referência de inarrivável a concepção de uma dialética que se desenvolve no âmbito da consciência, e não no âmbito da natureza, a interpretação da dialética hegeliana é a seguinte: a dialética hegeliana é uma dialética que se desenvolve no âmbito da consciência, e não no âmbito da natureza. A dialética hegeliana é uma dialética que se desenvolve no âmbito da consciência, e não no âmbito da natureza.

Essa sobrevida do sistema hegeliano segundo Cassirer é a seguinte: a dialética hegeliana é uma dialética que se desenvolve no âmbito da consciência, e não no âmbito da natureza. A dialética hegeliana é uma dialética que se desenvolve no âmbito da consciência, e não no âmbito da natureza.

sorte que ato de conserva-
mente um ato de revolução

Seja o que for que se tor-
ale tica hegeliana e pres-
mento integral, mas a sua
anusa: teoxdias tãe mictiã tem de
recer a fim de dar lugar
mais perfeitas.

A razão conservadora

Cas sri erseurme que, nas, anti p
araza o guma rHeag eum enfoque p
mente conservador do rtiepo plato

A raza o de tipo[®]; p-la[®] to ni
- š > ¥ " ¥ Ÿ š Ÿ j ; ou u " j Ÿ š t Ÿ Ÿ ± " õ p i n i a
(¥ Ÿ «), š com desprezo do cost
e da trvaadliocrai zoa, oe cjo-nh-eci-me
° j ; © j ; como a nova forma de
conscie de sa o meraa^{xxii} por So

Em Hegpelo c"onçra' Ÿ š ö[®]; š
Ç ° « ± Ÿ š ' ® š ¶ ° « ' æ «^a - æ ¥ j^a ° j ; Ÿ j
- ® j j ; ' a š ' 2 ¥ Ÿ š " Ä j r a @ š ' õ š @ p a r
aqui como a fluente substa

bem não é mera abstração, mas um princípio-
paz de se realizar a si próprio

A tendência específica da filosofia de Hegel

Nota Causa e efeito, que
essa harmonização só se c
mos em amēntÿē a œŷšd'aj -f-i;|æÚstoŷ-œš
fia religioso da deuaHefgdlosofi a
to Quer. dizer, se aprofundar
cionæd'òŷ ° « · Ÿj;Ÿ ±fšj" Eŷj- "© « œ«Ÿ© " «
-j a - š ©j a ° « · ©j ° š ŷ Ú - ŷ œ« · - ± j ·
- j a - Ú² j " · Ÿ « · © ± a Ÿ « · ŷ a ° j " ŷ E Ú²

No estudo de tendência específica a be
sublinhar o, b s Causa e efeito Hegel
mente fraacæspœúto do mais i
po da filosofia moderna e
para as ciē "n'c'iaæ« 1 Ÿjmbnŷs e
° ŷ ŷ œš ® · ®j š " ŷ Ÿ š ŷ Ú œœš j ' ŷ -
sendo esta distinção o log

Para a Heresia da Leitura Sãpide C. nozã o contestaria a realidade seria ateísta, mas contest mundo, s'ẽ nekã © Mens ta figura, Natureza de deirxaum significad dente, sendo absorvida pela de D-ẽ ssto e , pela substancia existe em si propria e dev si propria. O tempo e ins digno do pensamentoiftia o o olhar as coisas sob forma d

Em sua perspicazploietura, a afirmaçã s'õ c'ẽ « que e ¥ s' œ® ¥ - ° o c ± a Ÿ š © j a ° š " © j a ° j ' « - « - ° š ' š ' š a ¥ - ± ¥ " š © j a ° « ' Ÿ « ' ° j © - « ' š ° ® œ ¥ š ' - - ¥ a « ¶ ¥ - ° š

Seu argumento e de que, cristã , a encarnação do metafísico, mas historicamento no tempo, que, entã si desrearc como coisa meramente mas e essencial.

O Estado de direito legal e a re-
pública, mas a encarnação do Espírito do
Mundo; "café 2 café ° š - d' e ° ; S[®]a[®]ntos Agos -
tinhoe aparece "c id ad i av i moa a
tal qual ela existia na te
a sí "h[®]ššš:Ÿ; ' ± © ' ° ¥ - « ' ¥ a
©; a ° ; ' a « 2 « ' Ÿ; ' š > - « ' ± ° ¥ - © «

Nota esse autor que uma d
lidade do dia e i hægabística em
pelir as lamentações e esida c
multaneamentemitrosasibili da
em descobrista amcuima deti mæ -
ramente formal .

A "realidade" e x p s - s e m e i e a l t a o
na vida do Est[®]d[®]o; ô š E š z a
" ± ° ¥ a' q š " Ū 2 j " ' - ± j ' a ° « ' ®; œ « a
° ® š ° š - ' Ÿ; ' > j © ' j ' © š " ' Ÿ « ' 2 j
a x « ' Ÿ; ' š - °. œ ¥ š ' j ' j a E š a «

Nota C q u e i H e i g s e t l i n g ! u e e n t r e
® š " ¥ © š ® š " ¥ ' Ÿ š ° Ÿ; " ' ¥ j œ x š œ Ÿ š Ÿ j

que essa foi o mesmo momento da luta e não o contrário na obra de Aristóteles.

É uma transposição de valores pela qual a moralidade vale para a vontade individual, mas não para a vontade universal do Estado: *o único dever do Estado é a sua própria conservação*

Nesse sentido, a principal característica da filosofia hegeliana é a ausência da vontade divina que segundo Cassirer é o elemento que impede a revolução e desprovinha obstáculos, ou pode criá-los e criar do nada a ordem.

Cabe lembrar que os direitos humanos entendidos e as mesmas intenções nesses acordos são aqueles que se trata de estabelecer o histórico e a esfera de atuação dos direitos humanos vinte na Europa, que,

k

U

SSE_RIO

A Utopia do saber desencarnado

© 2013 by Jacob (J.) Lumier

42

SSE_RIO

Teodiceia e conhecimento em Max Weber

Entretanto, a amara lise esgota o interesse sociol
ria e a crsi oetia oca - d e « q u e s t i o e s »
Y « . © ± a Y « ° j œ Y « œ j œ s a - ° ¥ ° ± ° ¥ 2 s
¥ Y j « ° « E ¥ s ± œ ¥ « m , a n p s a r o n a s
ciologi a We b e r M a x

Em face o de ns tvoe, r p que a cr i
vio de Karl Mannheim tem a
histo rico o d fae r s o c e i o m b i g a a p a
aprofundar o impresci ndí ve
sociologo em drae lha ç a t o o r a i a .

Um dos aspectos relevante
relaçã o ¥ a o ç ° t ± e l m a c e ¥ d s a i Y « . x j E ,
j © j ! s ° q u j e , j © e r d t e a m œ t o t œ a o a l
prestígio desses, es un o to a b r v a e l
houvera tido reper d e s s a o o
d K a M a n n h e i m .

Ha maneiras de abordar
ques, e a a b g u n s a u t o r e s s u g e r

entre o uso de Max Weber e a exposição de

Em relação a exposição o lógica, a ausência de he tada pors vator ^{XXVIII} sem embargo,

concepção weberiana da polí nio espécie é

igualmen taria de Maquiav de hegelianismo, na medida

jetada do dotado de vontade

Daí o evidente paralelo na concepção weberiana da

domínio específico de sua própria expansão

Por outro lado, a

Raymond ^{XXIX} A Destaque

na veje ponderar com razão nada atribuição de hegelian

concepção anawebber política
lastro muito mais profundo
paralelismo entre as linhas
ideia histórica semelhante

Mas na Aproximidade de M
ber com o hegelianismo pod
modo específico em m d a d e o
análise webberiana sobre
apreciação do conhecimento t
ou apologético, isto é,
diá seus aspectos mágico
se tornar, d a l u t r o m a e i g u a
jetada em Hegel

Quer dizer, o «naY \$ é r o j i » n e s «
uma incompatibilidade com
e a filosofia independente
Y ¥ - æ ¥ - " ¥ a s - - ± j i Y n o j d i e s a o s
zer Judeien^{xxx} Fr d u r d i p l i n a s e s
enfraqueceriam a a r e l l i e g i a o
gada entre as f a n ç a s r á c i a e
na q u e exigem o sacrifício o

Sera , enta o , com refer e
l i g i a o e a c o m e y , e m b o r a u m c o
n h e c i m e n t o a b a s t a d o o u i
ç a o c a r i s m a t i t e o d i e q u e é a o t
e s t u d a d o p o r M a x W e b e r

T r a s t a d e u m c o n s t i t u i d o n o i m
p a c t o d a c u l t u r a , p o r v i a
c e n t r a l d e i t e d (d a e) e i s a r i s -
t e d o i s o f r i m e n t a r a e d o m a n -
c e n t r a l i m p e d i m e n t a d o c o m o
c o n d e n a d o a o p e c a d o .

T i v e r a o b s e m p a d o q u e a o u l t u r
v e s t e u m a n o v a d o b o u j o e m a
p r o b l e m a c e n t r a l d e i x a d e s
c i d a o s o f r i m e n t o e d o m a l p a
t r a a i m p e d i m e n t a d o c o n -
d e n a d o a o p e c a d o .

Houve ocorrido uma verdadeira o, de i" r @ « œ j - - "c' o n t e s a " d i p s u n - dida a partir do século. humanos sentivados pelo ilum alvos de ^{xxx}acusaçã o

A necessidade racional de uma teodiceia

A teodiceia parece entã como para a questa o essencial das r estando na base das escato edas representaçõ es relati e aos castigos na outra vi das teorias dualistas, em "bem e a ma l r i u n f o definitivo um tempo inde ^{xxxi}terminado

Serã no marco desse dual ent' r j e « Ÿ ÷ œ j ÷ § - § © j a ° « i d e j ² « " ± o que j a p a f r æ l c œ u , e m . M a x W e b e r e r a z a d i f i c u l d a d e s c r e s c e n t p a r t e a d i d e i s a f f r i m e n t o

De fato, a par f e r c e q u e d n e t m e a s i s o f r i m e n t o i n d i v i d u a i l m e n t e n a o e r a m " l o s ñ h a o s m e n a s u ' s

que ve-Weibano blinha que isso
tecia mesmo quando pæ-vito r
los padro es da camada domi
"moral dos" XXXIII. escravos

A estrutura mental da teo
Webermo' æ« a | ± a ° « ' Ÿ š œ ¥ ® j - - « -
a š " © j a ° j ' - š š Ÿ š ç š ° Ÿ ® Ÿ œ š ® ' š ' -
£ ® ± l a œ ¥ š ' j a ° ® j " « . Ÿ j - ° ¥ a « ' j ' -

A estrutura tæ ordæ pta à la cœa a We-
bermo' æ« a | ± a ° « ' Ÿ š œ ¥ « ® j š - - © j - a ° š j -
- š ° ¥ - ç - š š ° ® š ® ¥ j š ' ¥ a " œ « œ š £ ® ® ± l a œ ¥ š ' j a
« ' Ÿ j - ° ¥ a "d'e j ' t « a l © È s ® Ÿ t « e que te
configura ç a œ p - d e Ÿ Ÿ Ÿ n i a m a ® š œ ¥ « a s
"exigência" lienvamtdadicaœpçvælo
metafísica de XXXIV Deus e do Mur

Sera em que l adcaoinpna o ¥
° « - ' j ' ° ® j © š d e q s a a s j a œ j ç « - Ÿ Ÿ š Ÿ j ' ® š
œ ¥ « a š " ° Ÿ « Ÿ Ÿ œ Ÿ Ÿ We b e r o b s u i

traços de religiões como o astrismo e o judaísmo e, cristianismo Paulino e pos

Teodiceia e atitude revolucionária.

Como exemplo de *teodiceia* (a explicação da existência do mal em um mundo criado por um Deus bom e onipotente) a obra de Max Weber, baseada em dados de 1906, é bastante considerada de uma simples minoria mencionada para deixar de acreditar nasorias das modernas ciências quanto à melhoria da ordem do mundo.

Para Max Weber, a *teodiceia* interfere no desenvolvimento da ciência e revela uma compensação revolucionária neste mundo ao dizer que, a partir de 1906, os efeitos extremos da necessidade racional de uma ordem social eram presentes e eram atuantes revolucionária dos prole

E claro que, não pensou que a possibilidade de poder superar suas dificuldades e vir a enfrentar a realidade era lá muito grande. Em saber a fórmula geral de que o sofrimento e a injustiça em cada indivíduo são produzidos pela maldade das criaturas e suas complicações, os seres humanos não pensam que têm; talvez a vontade de uma vida melhor no futuro mundo ou para os sucessores. Cada indivíduo vive a vida no outro mundo.

As respostas para a incongruência do destino e o mérito na obra são muito desse esquema, o que constata a realidade - o estudo e a evolução da natureza humana como atitude moral e...

Conclusão: a ficção do pleno saber

Da exposição me se ptece adpnt te
podem tdaer que mañe + ¥ š · Ÿ « · - š
> j · ® · Ÿ j · - j · š eš p r š Ÿ eaulas cœorb-re
de nceioas piritucœlnisse travedor i s
dos esquemas socioloegicos
pecialsmuemetperesentaçã o de
prievegiã d d e a q l a e a p ç o f m c t i c i o
pleno š s a b r e r ¥ š a ° Ÿ j š ° ° ¥ š j o e ¥ š ° ° ¥ š
© j a Ÿ j j · - 2 ¥ a . œ ± ° š Ÿ š

Trastœa dprojeçã o de uma c
intelechtauma idso s paacriamaa tduoas r
interesses e ndios seag pœ p b a l c
seria a criaçã o de um fo
nido © p m š ç ° p a r e a r š t a t a r a s
necessidades da e poca

Em a z d e o s e r e ¥ š ° © j a ° j · Ÿ j · - 2 ¥
ou se j d e s p r o a v i c o a r d l a ç o e s f u
nais do saber aos quadros
mo u a m a r r a s ") a i c i a i s ¥ š j a ° - ¥ š
sim proã lectandœa p i o s t a m e n t e

mais a uctæp anctipæ adæ geinc-a
sino d"æŷ ù mæŷ s" ma n ñ b é ŷ, æš ana
como pleniomasgå bearda indispenn
paršāŷ š → ° š ® ' « . - - - - a±j; æjŷ ° « ŷ ŷ š ŷ ŷ -
- ± š ' É → « æš n aæ ŷ m e d i @ d æ š e m que r
t-sæ capaz v d e guardar a pers p
to do o i n t e r e s s e , p e r m a d e
nessa t e e o s r p i a r i n t e u a l i s t a , e
± © ' ° « ŷ « ' → « - - ± , Ú ŷ « ' t ŷ o j d i o š a d ° o j © n ° e «
lianiT amo.e , em resumo, o d
ologia do conhecimento na o
nhe m.

* * *

Etiquetas:

Comunicação, conhecimento, cr
história, ideologia, sociologia

Artigo

Ideologia e sociologia do conhecimento 1

Os coeficientes pragmáticos do conhecimento e os limites da abordagem conservadora.

Consciência sociológica

Sempre que se toma em co-
sociologia-se a af a i r a n a l a e y š . Ÿ « - a e «
→ ® š £ © ; j ° ¥ a e « " Ū ° ¥ a e « - : Ÿ « ' a e « a x j a e

Para esta dis " p i r p r i e i d e o o
combate → © j o o r o a e j ¥ ® £ a e ē a e j ¥ ° ±
š Ç ó ç j ¥ " « - ñ ç ¥ a e š ē . ¥ ã a e o a õ a e ¥ j s a m y
aspectos pragmáticos e po
toda a classe de conheci me

Esses aspectos sociociais cluí
na pr o c p i r o i l a o g s i a d o c o n h e c i

controla afasto de uensa noas me-
dida e me que e a e n c b a m e l a ç o e
funcionaries o saber e. os qua

Segundo Georges Gurvitch,
cia sociologica e bem ac
Lev Byr uhlquem na o admitia q
sem conclusões filosofica
de sociologia e etnologia,
contrapondo o conhecimento
cidadão "primi", tpiovrosu m l a d o e, por
lado "civilizad^{xxxvii}os

Tido por descontinuiста e
convicto, contrariamevnt e a
Brufhaz ver "perimri" e i c a s t e g o r i a
da causal m dcaodno os conceitos
perie n c i a s d o E u e d o o u t r o
e da so-ail e d a m d e a t o m a d a d e c
cidad tempo e-, a d o e r e t s p a r ç o b o q u e
sa o e s s e n c i a l o m e i n v t e e n t d e i s f e n a s n
sociedades historicas

Constatou as correntes e estas tais categorias, conceitos e perceptivos. Assim, o fato de haver em um mundo físico e material, natural, conservado a sã doutrina de Xristo, a base da sociedade humana, baseada naquele que é natural.

As leis da lógica e das formalidades históricas, como a verdade e o ter a si, são válidas nas sociedades humanas, baseada naquele que é natural.

Como sabemos um passo significativo da sociologia do conhecimento, que aborda a questão da verdade, a base da sociedade humana, baseada naquele que é natural.

Ja em Durkheim, em modo de Mannheim, a há de uma psicologia

cial causal da eme que e a ns do v i
cidade e projet al@a como
- « ® ° š - ± ¥ Ÿ j © ¥ š © š ; - ° ® š ° š - æ «
š - Ÿ j - ° j © - « - j - Ÿ j - j - š Ç « - j
© j a ° « - Ÿ š - ± š - α ¥ - ° ñ ® ¥ š - j © ® j
š - j - ° ® ± ° ± ® š - « æ ¥ š - æ « ® ® j -

Gur v ò f e h u e m e x c e l r e n s t u m o d e s -
s a n s o t a o n e e s t a ç o e s p a d e a D u r k h
s o c i o l o g i a d o c o n h e c i m e n t o ,
£ « ® ¥ š - ñ £ ¥ æ š - « - « æ ¥ š ¥ -
- ñ š - « æ ¥ j Ÿ š Ÿ j - š - ¥ a - ° ¥ ° ± ¥
° « - Ÿ ¥ ç j ® j a ° j - Ÿ « - j ® - « æ ¥ š
æ « a ° j Ÿ « # ® ¥ ° © « Ÿ š 2 ¥ Ÿ š
° ® š ; š š j - Ÿ š æ š ° j £ « ® ¥ š - Ÿ « ° j ©
« æ ± - š Ÿ « - j - š - « æ ¥ j Ÿ š Ÿ j - ± j
Ÿ š æ š ° j £ « ® ¥ š - Ÿ « - j - - š Ç « ç « ¥
æ ® ¥ « ± « - ® « ° ñ ° ¥ - « Ÿ « æ « a æ j ¥
j - j © j a ° « - j - j a æ ¥ š - Ÿ š æ š ° j
Ÿ š Ÿ j - # æ « a æ j ¥ ° « Ÿ j - « ° š - ¥ Ÿ
š - ° ® š ° š - Ÿ « æ « æ j . ¥ ° « Ÿ j - « æ

Como se na o - s l e a s q t u a e s s l e e v y n o
B r u f n o i q u e m d e s c o b r i u (a n t e

Kardiner) são as ideias que se desenvolvem no século XVIII, derrubando assim o precor herdado do século XVIII. Ideias emitidas, geralmente expelidas pelos seguidores do estruturalismo. Levystrauss, por exemplo

É guardião das ideias que se desenvolvem no século XVIII, derrubando assim o precor herdado do século XVIII. Ideias emitidas, geralmente expelidas pelos seguidores do estruturalismo. Levystrauss, por exemplo

Além disso, a ideia de que o conhecimento controla ou regula a emoção é uma ideia que se desenvolve no século XVIII, derrubando assim o precor herdado do século XVIII. Ideias emitidas, geralmente expelidas pelos seguidores do estruturalismo. Levystrauss, por exemplo

Seja como for, podemos ver do conhecimento só avança bera dos preconceitos filos e aprofunda nas correlaçõe cortinando com nitidez o es dade como essencial a comp de realidade do conheciment

Os continuadores de Karl Mannheim

Por fim, dois outros autores im ados por Karl Mannheim se pa ção o entre-tar a ideia de ocau psicológico que "é há má n, a " « - « œ ¥ š " © j a ° j " - Ÿ j o ° j q @ @ ¥ a š a Ÿ « soci dade e a causa final.

Cultivando uma tendenciã os aspectos ideológicos co filosóficos inconscientes pedagógica, ^{XLI} We frenreerc e S tuam rak concepção de vida mental projeção da tediã a a ° j d e " ¥ Ma n £ j a ° s e nã amarras.

Haveriam dois ní veis nes
→ ® ¥ © n ¥ ® v é Instruí do com a
soci eda de s ± ç õ, t n o a s e s da produ-
ça o do pensamento tomado
a m e n a e vida mental (psiq
ví . d u l o r s e l w i e x a m e do vir a
dos conteu dos dsae m p u n e t e e, s - a
ses conteu dos se tornem o
ou estrutu ç õ d e s q u e d o m o ç i a
° j © š · Ÿ j · 2 š " « ® j . - · Ÿ š · - « æ ¥ j Ÿ š

Por sua vez, esse sistema
ed a, d e f u n c i o n a como causa s
t o m a n n c o m o m e a ° ® « Ÿ ± ¶ ¥ Ÿ « · a š · © j a
Ÿ ± š · j " š ® Ç š c - " d e æ ¥ š a ¥ - sorte q
configura um "š s s i y š m ® ¥ h a m a d o
£ ¥ æ « · - « æ ¥ š " © j a ° j " Ÿ . j ° j ® © ¥ a š

No segundo vel, anterior a
pensamento, - s e c o n u s e i d e o a e p
i m a g i n a r i m a g e n s i n d e f i n i
como ea " s © d - « a x « · ç " ± ° ± š a Ÿ « ·
© j a ° j · ¥ a Ÿ « · j · 2 ¥ a Ÿ « · " ¥ 2 ® j ©
« ± · a š Ÿ š · š N o ® , d i v e r s e a r k ,

flutuava, mas só pode ser
der a um espiritualismo
mas revela por essa via a
rística dos discípulos

Ou seja, concebe a socie-
mento como fundada em
"na o em s c b u n e l d i a i s"
cando a sociedade igualme-
ness e e si mu cl a t u a s n a e a m e
fi re a m l v i r t u d i e a g d a o m e v i v a d a
g e n t s i a s e l h . a m a r r a s

Quadro intelectual de visão do mundo

As atribuições de se-
naat usa o c i o l o g i a d o c o n h e c i m e
conceito filosófico dian-
fiado se XLIV oc ad se o z o a i o t r e e f e r i
fusa o d a m s m c i e y d a d e , s e ' y « " ñ
tanto mais que a confusa o

Para o discípulo de Mar-
"Y « ± ° @ y a š ' Y ã ' y d y a l " « e p o s e a
gido conhecimento « - ' Y j ' j -
a o « ' Y j " A 2 p r i m e i r a s e o c u p a

modo de pensar a sociologia do conhecimento por sua vez, teria em seus modos de pensamento. Se o conhecimento da realidade se constitui em um processo de conhecimento do mundo que é o resultado da interação entre o sujeito e o objeto, então, a sociologia do conhecimento, finalmente, é identificada como a doutrina da ideologia.

O que esse "análise crítica" representa é o resultado causal de valores sociais e culturais, sendo a ideologia social um aspecto da sociologia socialmente determinado da mente.

Embora comparemos a classe ou de uma seita que podem produzir o mundo, esse "qualquer" chamado intelectual de valores e de substâncias.

humanamente coletivo como tende a se manifestar. A consciência faz parte das atividades em sentido lato e é dada pelo constitutivo nos próprios desejos, seja como linguagem, seja como conhecimento, seja ainda como prática. Esses quadros são os pontos de partida para os estudos de colaboração ou relações que se incluem as manifestações, os agrupamentos pessoais sociais e as sociedades.

O significativo aqui, do ponto de vista determinístico da sociologia e da fenomenologia e da filosofia, é a presença de um elemento que se manifesta de forma coletiva e que se relaciona com o coletivo. Este elemento é o que se chama de "coletividade" e que se manifesta de forma coletiva e que se relaciona com o coletivo. Este elemento é o que se chama de "coletividade" e que se manifesta de forma coletiva e que se relaciona com o coletivo.

Quanto a s i d e o l o g i a s , f
forças coletivas ou produt
rem um m i a s t i f i s a q u e m e d i d a e m
que expressam um asp e c t o d a
j a š Ç ° « « ' a Y « j ' œ ¥ © j ' a ° « ' Y j ' - ® j š ' ¥ 1
a š - ' - ® « / j Ç , ó j q u e - š t r a d i s u i s a s e -
presentação" e n s q u e l e s i h o m e n s
suas condições sue gem i n v
uma ca mara^{XLVII} fotogra f i c a

Embora correspondam a cer
ças pro d u t i v a s q u a d r o s s o c i a
ser adaptados a sua base,
espontane o l i e t i m o o .

Todavia, as suas manifest
e organizadas entram em co
ças produtivas quando, ao
estabiliz a a d o , e c c o r n i p e s t g a u l e i m z
l h e s a o p a s s o q u e e m o u t r a
elas se tornam os seus coe

Quer dizer, na abordagem os elementos pragmáticos e conhecidos sim como qualidades por si, paradoxalmente, são sagrados em sua pertencença à história da tradição.

Desta forma, em seu pensamento ideológico aristotélico e em Platão, encontra-se a origem subjacente de sua estrutura conceitual e sua concepção da essência da realidade. Tal como se vê em sua obra, a ideia de uma realidade objetiva e independente da consciência humana é o ponto de partida para a construção de sua filosofia. A ideia de uma realidade objetiva e independente da consciência humana é o ponto de partida para a construção de sua filosofia.

Tal o modo de pensar que o filósofo alemão excluiu do âmbito da ciência da linguagem e da política do conhecimento, expoentes da adaptação da situação humana à realidade.

sociologia do conhecimento
para o estudo das variações
dos quadros sociais.

Etiquetas: Alienação, consciência,
pragmatismo, ideologia, socialismo,
quadros sociais, sociologia, se

A Utopia do saber desencarnado

© 2013 by Jacob (J.) Lumier

70

SSE_RIO

Artigo

Ideologia e Sociologia do Conhecimento 2

A Consciência Mistificada

Na o ha du vida de que ideologia ser distinguida do conhecimento. Na o que dei marxistas influentes, e, como apesar do dogmatismo indisciplinado, os marxistas conseguem tratar a ideia de sociologia do conhecimento.

Teoria multidisciplinar

Todavia, depois dos trabalhos de segunda metade do século 60, a ideia de sociologia do conhecimento tratada como constituinte

- « œ¥ j eŸ šňŸaj o como aspecto da
ciprojetado no conhecimento

Houve uma orientação para
lismo sociológico, mas para
sofista e epistemológica s
cientificidade, em que a hi
sa o os panos de fundo.

Nada obstante, a referen
dogmática se maque, mpdraa o
Althusser « s e / r j ° « ' ® j š " " œ « a ° ¥ a ± š ' s
- j a - š © j ã ° « ser de algum modo
mente apropriada - pensa - conc
mento (pe-objeto)

Mas a posição dessa teori
em face do cotejo « eŸn « trē a i
œ¥ ã d'mite varias conotações
de ncia se « j Ÿ a « p e s e s e " bnclu
í do na ideologia, como ja

Se observar a afirmação de que
e um nível da falção
afirmação se encontra contr

ideologia é definida por sua anti-
gênese científica. A ciência é a
ideologia que se afirma a partir
de seu conteúdo científico. A
ideologia é a ciência que se afirma a
partir de seu conteúdo científico.

Ja no enunciado de que a
ciência é a ideologia que se afirma
a partir de seu conteúdo científico,
com a ciência e a ideologia em
um preconceito de origem. Sua
função está em afirmar a si mesma
e a ideologia que se afirma a partir
de seu conteúdo científico. A
ideologia é a ciência que se afirma
a partir de seu conteúdo científico.
que, entretanto, na o se
meios intelectuais a ideologia é
a ideologia em contraste com
as funções e a subordinação do
conhecimento à ideologia, já que
sagem para a estrutura de

A ideologia burguesa

Ja em L. G. e podemos notar u
posicionamento mais coerent
socioloe gá ciodeologia e tra
dagem pragmática, como asp
sociat 1 « 1 » d q u æ ¥ l š h e e subja ce

No estudo jase a utodoca q a ct
riza a ideologia i bup g u e s o d o
classico e o da decade nci
de « 1 » j - - « - ° š - - š « - - - - « > - - j © š - - - -
- j a 2 « - - « 2 - - ¥ Ÿ © j - - a æ š - - + 1 ¥ - ° š - - ¥ - © «

No período c " 1 » a - s s i c ō ; - - # a
æ j « 1 » š - - j - - æ ¥ j a ° Ú ç ¥ æ š - - j © > « 1 » š - - ¥ a
æ « a ° « 1 » š - - Ÿ # ç ú a ã t o n a d e c a d e n c
" e v a š d a i o n t e d a r e a l i d a d e , e v
farçada i seenjtai f d e i d a d e o b j e t
originalidade romana tica, a
de uma " š t o i « 1 » t Ú Ÿ - - d ¥ æ š

A ideologia e assim trata
mento p o l p o s t i æ o e m p e r s p e c t i
ologica, referidanos os qua

quais entra em corriação e a
ologia burguesa da década
integrada no conjunto da
em regime capitalista e p
ço es f o m i o ñ a i ç u e y i s m p u l -
siona a a e d e r a t a s s e s .

Nesse conjunto, Lukacs di
tuações, duas regularidad
divorcio entre o-acaso e
paraça o entre o trabalho
intelectual, com referenc
a atitudetica do conheci
da burguesia em suas repr
entificidade e de romantis

A separação do trabalho intelectual

Levando aos tipos particu
alistas com sua psicologi
psicologia dos juristas
separaçao do trabalho in
da estrutura de classes, c
mento do t p p o p e i ã e n o m e n o

da sociedade capitalista e sua estrutura global.

Desta forma, a separação intelectual e a alienação do homem e a provocation das deformações

Por sua vez, as deformações e a separação intelectual apareceram de diversas maneiras e manifestações ideológicas, desses grupos sociais: famílias, os grupos locais de produção, as oficinas e pequenas

Entretanto, o que constitui a análise de Lukács a consciência humana é a face dessa engrenagem determinismo sociológico do capitalismo concorrencial.

Vale dizer, Lukács coloca a realidade de reprodução dos efeitos deformadores da divisão

notadamente a rebelião em
ça **vida** e da subjetividade
critores do final do século

Sera a submissão aomesi
decoração" **que Lukacs denuncia co**
"pensamento" decadente

Desigualdades sociais e justificações ideológicas

Mas na o se trata de uma
pensamento ideológico des
se manifestaria segundo L
toma a especialização da
pel

Quer dizer, detruant a conheci me
lí dtaí dourgu
a mbito da qual Lukacs int
da fial
malismo desenvolvido em to

Em seus reflexos sociolo
taço es havede a submissã

expressa o político através de uma forma que a aceitação da essência levada a cabo pelas instituições da sociedade a partir da análise da ideologia do conhecimento na obra de um teórico do marxismo do século XIX.

Com efeito, a obra de Gramsci é um exemplo de uma obra que combina a teoria com a prática, um legado por seu pensamento de tornar o homem independente do conhecimento das oportunidades quando aparece.

Quedrizer, o conhecimento por uma combinação de juízos de realidade, sendo observados atos, nas intrigas e nas lutas classes e partidos se confundem.

Em relação ao poder, o mais interessante é que ele não é facilmente estudado nas regressões sociais mais do que nos programas teóricos destes últimos, onde se vê a sua influência.

Dado que o conhecimento é manipulado pelos grandes meios de comunicação e pelas grandes massas, a combinação das muitas condições que compõem o conhecimento deve ser vista na realidade das classes e das condições, sua natureza e sua função.

Com efeito, a demonstração da capacidade política em dominar as classes do saber, como se viu nos sistemas cognitivos

tes, por um lado, ao capitulando aos fascismos e, por outro, ao comunismo centralizador.

Como se sabe, no conhecimento fusionados o conhecimento do conhecimento de sentido e conhecimento teórico. O conhecimento teórico é o conhecimento que se refere ao conhecimento de sentido e conhecimento de sentido. O conhecimento de sentido é o conhecimento que se refere ao conhecimento de sentido e conhecimento de sentido. O conhecimento de sentido é o conhecimento que se refere ao conhecimento de sentido e conhecimento de sentido.

Na o obstante, o conhecimento político é o conhecimento político que se refere ao conhecimento político e conhecimento político. O conhecimento político é o conhecimento que se refere ao conhecimento político e conhecimento político. O conhecimento político é o conhecimento que se refere ao conhecimento político e conhecimento político. O conhecimento político é o conhecimento que se refere ao conhecimento político e conhecimento político. O conhecimento político é o conhecimento que se refere ao conhecimento político e conhecimento político.

Consciência mistificada e consciência burguesa

Por fundamentos da psicologia delo da consciencia mistificada foi registrado na sociologia a diferenciacao da consciencia na mentalidade original da Trtase da compreensao de pregnado de um periodo par a primazia cabe Para

Fenomeno de psicologia delo da consciencia mistificada foi registrado na sociologia a diferenciacao da consciencia na mentalidade original da

Trtase da compreensao de pregnado de um periodo par a primazia cabe

Para

Daí que o poder não produz a
telectual neste tipo de s
terizada « a p e a e s ' s o m p a s Y
« ® © s ' Y j ' e m / q u e 2 á § ° f o r ç a s
perdem suas caracte s s a s t i o
perda o projetadas ç p a e a f o
e x e - © « ' Y s ® e s j ® e s Y «

E m s e g u n d o, p s l e a n d o i f e r e n c i a
e n c i a b u r g u e s a c o m o m e n t
n o m i s t a s e s t u d a d o s p o r M a
m e n t a l i d a d e q u e a s o c i o l o
r e n c i a f u n d a m e n t a l p a r a
c a r a t e r i d e o l o g i c o .

Vale repetir de s e a p a i t a d o i s
l e v a - ® a y o © s á s f o r ç a s p r o d u t i v
r i a i s , a m e n t a l i d a d e d a
c o n f i g u r a e a u c o n a l a e e s ' © e - ° e ç e
e Y j « " p e i e p s e ° , ' e © - ® j E a s Y s ' -
- ® j - j a ° s e ç o j i ° e 2 s - ' e s ® s e ° j
± © ' - j ® Ú « Y « ' - s e e e e s Y s ® j Y s - :
- ® e © s e e s > j ' . . . ç « ® ç s - © s

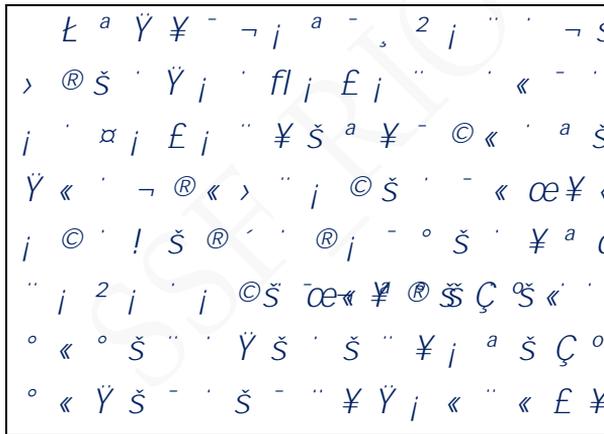
E t i q u e t a s :

Conhecimento, capitalismo,
tica, alienação, ideologia
cada, política, crítica,
nas, sociologia, século vi

* * *

Artigo

Problema Sociológico da Ideologia



Ha relutancia por parte
entes do Se culo Vinte em
da sociologia para o exame
enaça o no legado do jovem

Ao contra r i q u e d e p r h e a t b e e n d m e a s ,
£ j " ¥ š a ^ # 7 e š i @ u r a L X I , d e a l v a r s u s t e n t e
q u e n a o h a r a z a o p a r a c
p a s s a d o s o b f @ š a š ñ o ç e a n s ö ¥ p é š Ÿ
M a r x , m u i t o m e n o s a s t e l e g r e d i n a

Sem du vida, ha du ma di a p l i c
a l e t i c a d a s a l i e n a ç o e s q
M a r x e s t e n d i e d u e o o f a o t g e i r a o d a s a s
c i e n c i a s h u m a n a s , a s c i e
i n d o a e c o n o m i a p o l í t i c a e
n a o s e j a m p e n e t r a d a s p e l o
t e r i o r m e n t e , s a d e o c á s i a s z a b a
e x a t a m e n t e a a s p i r a ç a o a
c e r t o s a s p e c t o s d a a l i e n a ç a

H a a m b i g u d d a d e a l i e n a -
ç a o o u l t a n d o a c o n f u s a o e
l i s m o s o c i o l o g i c o e o u t o

Dialética das alienações

Com efeito, a dialética hegeliana é o núcleo dos principais aspectos da filosofia de Hegel. Nestes aspectos, a dialética é o primeiro que tudo suas emanações: o espírito se alienam (perda de si) na natureza. Deus

Ja em Marx, qualquer movimento está ligado em prática. Ademais, como se sabe, Marx Hegel, com a noção de que a produção, sem a qual as sociedades não poderiam subsistir, de confusão de ideias.

Vale dizer, a dialética marxista distingue a produção nos seguintes aspectos: a produção é o processo de transformação da natureza em produtos úteis. A produção é o processo de transformação da natureza em produtos úteis. A produção é o processo de transformação da natureza em produtos úteis.

A saída para isto exige a
xem de consp[er]ção, le[itura]ção
entre ideologia e dialética
que é imperioso libertar
ras sociais, como LXXIII
mediante a busca da ideol[ogia]

Mesmo c[om]o a dialética é a dialética
© LXXIV a dialética pode ser
como aspecto do conhecimento
um gênero cognitivo obser
truturas e em LXXV, cujos impo
tância e papel passam po
forma se favorece o prove
logia do conhecimento de M
diale tico das relação es c

* * *

E t i q u e t a s :

Conhecimento, capitalismo,
tica, alienação, ideologia
cada, política, crítica,
nas, sociologia, século vi

* * *

A U T O P I A D O S E S N A C B A E R R N A D E O

© 2 0 1 3 b y J a c o b (j .) L u m i e r

T o d o s o s r e d e s e e v a d o s



W e b s i t i o P r o d u ç a o - P L L e S i V t : u r a s d o S e
L i t e r a t u r a D i g i t a l

<http://www.leiturasjlumierauteur.pro.br>

* * *

Notas de Fim

I- Estrato desamarrado, relativamente sem classe, como "Mediação viva" para as situações deve servir de integrador ou adaptador. Mediação por que chamada a afirmar-se em contraposição à concepção hegeliana abstrata mística do Estado.

II- Mannheim, Karl (1893-1947): « *Ideologia e Utopia: uma introdução à sociologia do conhecimento* », Rio de Janeiro, Zahar editor, 2ª edição, 1972, 330 pp. (1ª edição em Alemão, Bonn, F.Cohen, 1929; 2ª edição remodelada em Inglês, 1936). Págs. 178 a 189.

III - Como sabem, as obras de civilização como o direito, a moral, o conhecimento, a educação funcionam como regulamentações sociais produzidas pelas unidades coletivas reais em sua formação como grupos, classes, sociedades. Todo o agrupamento social particular, em especial os agrupamentos funcionais- tais como afinidade fraternal: de situação econômica, crença, gosto, interesse; parentesco; localidade; atividade econômica; atividade burocrática; misticismo extático - têm obras a realizar que sustentam sua unidade coletiva em torno de uma ideia do direito, uma compreensão das verdades dos conhecimentos, na luta contra os obstáculos ao esforço humano como tendência à realização, digna de reconhecimento e aprovação. Tais regulamentações sociais, embora sejam fatores constringentes para a participação na realidade social, estão muito longe de serem projetados ao papel de adaptadores ou integradores nas situações históricas.

IV- Mannheim, Karl (1893-1947): « *K f g q n q i k ç " g " W v q r* » op. cit. Pág. 186.

V-Anthony Giddens depreciará o histórico da pesquisa especificamente sociológica do coeficiente existencial do conhecimento dizendo que considera a sociologia do conhecimento a sugestão de que a "validade das teorias científicas pode ser reduzida aos interesses que desempenharam um papel na sua geração", embora esse prolixo autor admita que "esse ponto". Cf. Giddens, *Novas Reflexões: Método Sociológico: uma crítica positiva das sociologias compreensivas*, trad. Ma. José Lindoso, revisão Eurico Figueiredo, Rio de Janeiro, Zahar, 1978, 181pp. (1ªed. Londres, 1976). p.151.

VI- Atribuindo-lhe equivocadamente um estatuto de disciplina exclusivamente causal, autores do alto porte de um Karl Popper dizem que nada ou muito pouco a sociologia do conhecimento teria para ensinar. No seu dizer: "podemos aprender acerca da heurística e da metodologia e até a respeito da psicologia da pesquisa, estudando teorias apresentadas pró e contra elas, mais do que por qualquer abordagem direta behaviorista ou psicológica". Karl: 'Conhecimento Objetivo: uma alternativa', tradução Milton Amado, São Paulo, EDUSP/editora Itatiaia, 1975, 394 pp, traduzido da edição inglesa corrigida de 1973 (1ªedição em Inglês: Londres, Oxford University Press, 1972). p. 116

VII- Gurvitch, Georges (1894- 3 ; 8 *Problemas de Sociologia do Conhecimento* ö . " K p " I w t x k " *Tratado de Sociologia - X q n*, Tradução: Ma. José Marinho, Revisão: Alberto Ferreira, Iniciativas Editoriais, Porto 1968, Págs.145 a 189 (1ª edição Em Francês: PUF, Paris, 1960). Cf. pág. 161.

VIII- Mannheim, Karl (1893 a 1947): « *Ideologia e Utopia: uma introdução à sociologia do conhecimento* », tradução Sérgio Santeiro, revisão César Guimarães, Rio de Janeiro, Zahar editor, 2ª edição, 1972, 330 pp. (1ª edição em Alemão, Bonn, F.Cohen, 1929; 2ª edição remodelada em Inglês, 1936).

IX- Dilthey, W. *Introducción a las Ciencias del Espíritu: em la que se trata de fundamentos de la sociedad y de la historia* traducción e prólogo por México, Fondo de Cultura Económica, 1944, 485 p. Edição em Alemão, 1883).

X- Gurvitch, Georges (1894-1965) *Dialectique et Sociologie*, Paris, Flammarion Science, 1962, 312 p.

XI- Cf. Bloch, Ernst (1885-1977): *Sujet/Objet: éclaircissements sur Hegel* Gallimard, 1977, (Edição em Alemão: Subjekt - Objekt: Erläuterungen zu Hegel, Berlin 1951; Editado em castelhano: El pensamiento de Hegel. Tradução Wenceslao Roces México City/Buenos Aires 1949).

XII- Wrigth Mills, C. (1916-1962) e Gerth, Hans - Organizadores: « *Max Weber: Ensaio de Sociologia* », tradução Waltesir Dutra, revisão Fernando Henrique Cardoso, 2ª edição, Rio de Janeiro, Zahar, 1971, 530 pp. (1ª edição em Inglês: Oxford University Press, 1946). Cf. págs. 318 sq e 409 sq.

XIII - Em sentido amplo, como é sabido, a teodiceia como foco do espiritualismo é a História doutrinária de Deus e sua justiça no mundo mediante a combinação de destino e mérito, incluindo as promessas de recompensas, em que tem lugar a esperança salvadora de uma vida melhor no futuro, seja neste mundo ou para os sucessores; ou ainda a esperança salvadora de uma vida melhor no outro mundo.

XIV- Cassirer, Ernst (1874-1945) *O Mito do Estado* . " trad. Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Zahar editor, 1976, 316 pp. * 3 B " g f k ± " q " g o " K p i n ' u . " *La Philosophie des Formes Symboliques óLa Pensée Mythique* . " R c t k u . " Les Editions de Minuit, 1972, 342 pp, (Trad. Do Alemão por Jean Lacoste). Nota Cassirer que a compreensão do elemento simbólico do mito não é exclusividade da filosofia da história de Hegel, mas a " 2 " g p e q p v t *café antropológico do Espírito* " * R j 0 I 0 + . " g o " s w g . " *fênix* k p k p f q " c a consciência sensível, Hegel estabelece a problemática geral estrutural que se aplica à conexão do conhecimento e da consciência mítica, isto é a antropologização da religião.

XV- Mannheim, M c t k f g' ã n q i k op' git' Pág. 223 k c ö

XVI- Mannheim, Karl (1893 63 ; 6 K f & "q ã n q i k op' g " W v q r k c ö
cit. Pág. 228.

XVII- Mannheim, Karl (1893 63 ; 6 9K+f<g"q ã n q i k c " g " W v q r k
op. cit. Pág. 222.

XVIII- C a s s i r e r, Ernst, *Mito do Estado* " t r a d . Á l v a r o C
bral, Rio de Janeiro, Zahar editor, 1976, 316 págs. (1ª edição
em Inglês, Londres, 1946).

XIX- Apud Cassirer, Ernst: *O Mito do Estado*, op. cit., pági-
nas 267 a 294.

XX- Notam igualmente que a dialética desdogmatizadora
de Karl Marx é elaborada em revolta contra Hegel e a
análise hegeliana da realidade social
do Direito". Cf *A Vocação Atual da Sociologia* - Georges
ologia vol.II: antecedentes e perspectivas tradução da 3ª
edição francesa de 1968 por Orlando Daniel, Lisboa, Cosmos,
1986, 567 pp. (1ª edição em francês: Paris, PUF, 1957).

XXI- Cassirer tem em vista os antecedentes no sistema
hegeliano da política leninista que triunfou na Revolução
Russa de 1917.

XXII- Mondolfo, Rodolfo (1877 - 3 ; 9 Sócrates' õ . " v t c f w /
ção Lycurgo Motta, São Paulo, editora Mestre Jou, 2ª edição,
1967, 107 pp. (1ª edição em castelhano, 1959), págs. 57 a 61.

XXIII- Hegel, G.W.F. (1770- 1831) < *Lectures on the Philo-
sophy ou History* p.16, apud Cassirer, E. *O Mito do Estado* .
q r o e k v . " r 0 4 9 6 = " v t c f w ± *La Raison* " H t c p e ' u <
f c p u " n ð J k k p q k q f w ± - q . " p q v c u " g " v t c f w ±
nou, Paris, ed.10/18 - Plon, 1965, 311 pp. (traduzido da edição
alemã de 1955) pág. 67 sq.

XXIV- Outros pensadores notáveis analisam o fracasso de
Hegel em sua tentativa de ligar dialética e experiência, liga-
ção fundamental para as Ciências Humanas. Cf. Gurvitch, Ge-
orges (1894-1965): *Dialectique et Sociologie* P a r i s , F l a m m a -
rion, 1962, 312pp., col. Science.

XXV- A afirmação de que Hegel canoniza o existente en-
contramutatis mutandis paralelo lá onde Ernst Bloch

destaca que, na leitura de Hegel, a mirada deve enfocar sempre o existente, que não cessa de se dividir, de se recompor e se dividir novamente. E o existente é o espírito em marcha, que se reconhece, vem a ser para si se assemelha com si mesmo. Bloch, Objectif: Éclaircissements sur Hegel - "Hegel", Paris, Ed. Galilée, 1977, tradução de Gandillac (Frankfurt, Surhkamp, 1962; 1ª edição alemão: 1951).

XXVI- Dilthey, Wilhelm (1833 - 1911) < *Hegel y el Idealismo* . " v t c f w ± " q " g " g r ¶ n q i q " G w i g p k q " ~ o tura Económica (FCE), 1956, 2ª edição, 315 pp (1ª edição em Alemão, G.Misch editor, 1913) pág. 234 sq.

XXVII- Hegel, Georg Wilhelm Friedrich (1770- 1831) < *La Phénoménologie de l'Esprit* ö óTome I e Tome II, Paris, Aubier, 1939 (Tome I), 358 pp.; 1947 (Tome II), 359 pp.; Trad. Por Jean Hyppolite (Ed. Lasson óJ. Hoffmeister, W. II, 4º ed., 1937), título " g o 'Dē Hgenōmētoōgiōdes Geistes ö 0 "

XXVIII- Cohn, Gabriel (1938) < *Crítica e Resignação: fundamentos da sociologia de Max Weber* ö . " U - q " R c w n q . " V 0 C 0 S editor, 1979, 161 págs. Ver as págs.115 sq.

XXIX- Aron, Raymond (1905 - 1983): " *Les Étapes de la Pensée Sociologique* Montesquieu, Comte, Marx, Tocqueville, Durkheim, Pareto, Weber Paris, Gallimard, 1967, 659 pp. pág.546.

XXX- Freund, Julien (1921 - 3 ; ; *Sociologia de Max Weber* ö . " v t c f 0 " E n ^ a w f k q " f g " E c u v t q . " T k q " f 218pp. (1ª edição em Francês, Paris, PUF, 1966). Cf. ps.140 / 141.

XXXI- Na época correspondente às sociedades que inauguram o capitalismo, incluindo a chamada "cultura" dos séculos XVII e XVIII, se assiste à vitória do natural sobre o sobrenatural, da razão sobre toda a crença como ao crescimento do individualismo

vilização e da mentalidade própria dessa sociedade no seu apogeu faz o homem confiar no seu êxito e no das suas empresas técnicas e industriais.

XLVI- Gurvitch, Georges (1894- 3 ; 8 *Los Mdrçõs Socia-
les del Conocimiento* ö . " Mário Giacchino, Monte Avila, Ca-
racas, 1969, 289 pp. (1ªedição em Francês: Paris, Puf, 1966).

XLVII- Configurando um fenômeno de psicologia coletiva,
a consciência burguesa como tipificada na mentalidade dos
economistas estudados por Karl Marx é a consciência
mistificada ou ideológica porque está impregnada pelas re-
presentações características de um período particular da so-
ciedade em que a primazia cabe às forças materiais. Ver Gur-
vitch, Georges (1894 9 6 5A) *Vocação Actual da Sociologia*
óvol.II: antecedentes e perspectivas ö . " v t c f w ± - q " f c " 5 B g f k ±
cesa de 1968 por Orlando Daniel, Lisboa, Cosmos, 1986, 567 pp.
(1ªedição em francês: Paris, PUF, 1957): pág. 347 sq.

XLVIII- Gurvitch, Georges (1894-1965): *ã Vocação Actual*
da Sociologia óvol.II, op.cit.págs.294/5.

XLIX- Stark, Werner (1909 ó1985): *Los Antecedentes de la*
sociología del Conocimiento ø . " k p " J q t q y k v | " * q t i c p k |
toria y Elementos de la Sociología del Conocimiento ó v q o q " K ø . "
op.cit.pág.10.

L- Dentre as posições dogmáticas do marxismo, notam o
domínio supostamente heterogêneo da luta de classes, que
aconteceria no exterior da consciência coletiva e sob o con-
ceito de dominação, situado para além da realidade social.

LI- McLennam, Gregor; Molina, X k e v q t = " R a g e o - g t u . " T q { <
ria de Althusser sobre a Ideologia ø . " v t c f w ± - q " T k v c " N k o c
tre For Contemporary Cultural Studies da Universidade de Bir-
o k p i j f c c p " < K " f ÷ g, Rio de Janeiro, Zahar, 1980, pp.101 a
137 (1ªedição em Inglês: Londres, Hutchinson, 1978). pág.118.

LII - ib.p.117.

LIII - ib.p.128.

LIV- Lukacs, George (1885 1971): ÷ *O c t z " { " Y g d g t < " t g h n*
q p g u " u q d t g " n c " f g e, in H g r o w i t z, A r w i n L. f g " n c " k f g
<Historia y Elementos de la sociología del conocimiento-tomo
I ø " . " c t v k i N w " m g c z e v u t . c " k l f < q " " ÷ M g c " t n " O c t z " w p f "
i g n u " c n u " N k v g t c v w t j k u v q t k m g t ø . " D g t

Carlos Guerrero, Buenos Aires, Eudeba-editora da universidade de Buenos Aires, 3ª edição, 1974, pp.49 a 55.

LV- ib.p.53

LVI- I w t x k v e j . *Los Mergast Séciglas del Conoci- miento* ö . " **Mário Giacchino**, Caracas, Monte Avila, 1969, 289pp (1ª edição em Francês: Paris, PUF, 1966), pág. 42.

LVII- Ver Gurvitch, Georges (1894- 3 ; 8 *A Vocação Ac- tual da Sociologia* óvol.II: *antecedentes e perspectivas* ö . " v t c f w / ção da 3ª edição francesa de 1968 por Orlando Daniel, Lisboa, Cosmos, 1986, 567 pp. (1ª edição em francês: Paris, PUF, 1957): p. 347 sq.

LVIII- Mauss, Marcel (1872 - 1950) < *Sociologia e Antropologia- x q n 0 K* ; São Paulo, **EDUSP**, Editora da Universidade de São Paulo EDUSP, 1974, 240pp.e 331pp., respectivamente (1ª edição em Francês: Paris, PUF, 1950).

LIX- Marx, Karl (1818- 3 : : *Rascanhoã Contribuição à Crítica da Economia Política* ö " * ã I t w p f t k u g 0 0 ö 0 - " r I w t x k v A *Vpcação IA* *Crulã Sociologia* óvol.II: *antece- dentes e perspectivas* ö . " v t c f w ± - q " f c " 5 ß g f k ± - q " l por Orlando Daniel, Lisboa, Cosmos, 1986, 567 pp. (1ª edição em francês: Paris, PUF, 1957).

LX- A par das condutas habituais e regulares conformadas aos deveres e normas, na realidade dos fatos a moralidade admite, encoraja, tolera, aconselha propõe. Portanto, existem as virtudes sublimes do *sage* (o circunspecto), do estóico, do santo, do homem prudente, do homem honesto, do cidadão, como imagens- simbólico- k f g c k u < " ã v c k u n g u e n k p e n s a v e n f c g n u " u w d n k o g siderá- n c u " v q f c u " e q o q " k p f k u r g p u " a x g k u ÷ - como um exercício obrigatório, a sociedade propõe- nas aos seus o g o d t q u " e q o q " w o " e w o g " s w g " p g o " u g o r t

LXI- O sociólogo admite como adequado o termo sartreano “campos prático-inertes” para referir a base morfológica da vida social, incluindo a instrumentalização da realidade material com toda a aparelhagem técnica que circunda o homem e, mais amplamente, todas as expressões exteriormente perceptíveis dos produtos humanos. Trata-se de maneiras de

existir fora de si, como mediação entre a matéria aberta e o humano, mediação que é ao mesmo tempo objetivação alienada. Ver Gurvitch, Georges: "*Dialectique et Sociologie*", Paris 1962, 312 pp., Col. Science.

LXII- Ver: Habermas, Jürgen (1929) < *Théorie et Pratique* - vol.2 - " v t c f w ± - q " g " r t g h a e k q < " I 2 t c t f " T 238 pp. /1ªedição em Alemão, 1963. Cf. págs.. 208 a 211.

LXIII- Gurvitch, Georges (1894-1965): *A Vocaçãõ Actual da Sociologia* - vol.II: *antecedentes e perspectivas* - " v t c f w ± - q " f c " 3ªedição francesa de 1968 por Orlando Daniel, Lisboa, Cosmos, 1986, 567 pp. (1ªedição em francês: Paris, PUF, 1957).

LXIV- Gurvitch, Georges (1894-1965) < *Dialectique et Sociologie* - " H n c o o c t k q p . " R c S t i e k a . " 3 ; 8 4 . " 5 3 4 " r

LXV- I w t x k v e j *A Vocaçãõ Actual da Sociologia* - vol.II, op.cit. pág. 279.

LXVI- Ibidem, pág. 290.

LXVII- Ibidem, pág. 322.

LXVIII- Mannheim, Karl (1893 - 1947): « *Ideologia e Utopia: uma introdução à sociologia do conhecimento* », tradução Sérgio Santeiro, revisão César Guimarães, Rio de Janeiro, Zahar editor, 2ªedição, 1972, 330 pp. (1ªedição em Alemão, Bonn, F.Cohen, 1929; 2ªedição remodelada em Inglês, 1936).

LXIX- Ver sobre a consciência mistificada o capítulo deste livro intitulado *Idéologias e Sociologia do Conhecimento* - 64 - 0

LXX- Inclusive nas sociedades inteiramente penetradas pelo mito, como o são as sociedades arcaicas.
